



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



O arte/educador como mediador



Sumário

Vídeo da Semana	3
O arte/educador como mediador	3
Referências Bibliográficas	9

Vídeo da Semana



O arte/educador como mediador

No último tema da disciplina, vamos voltar nossa atenção para as implicações que as questões estudadas nos temas anteriores trazem para a prática do educador enquanto mediador das relações entre a arte, as produções culturais e seus estudantes. São relações intrínsecas e presentes na própria ação do professor de Arte, diante dos conteúdos eleitos para compor o currículo, nas estratégias metodológicas instauradas para atingir os objetivos propostos e, especialmente nas ampliações curriculares ou inserções no âmbito da cultura, quando são propostas saídas do circuito fechado da escola para o contexto maior da cultura na qual a escola está inserida.

Quando entendemos o professor de Arte como um arte/educador, entendemos que seu papel é maior e mais amplo do que apenas o papel de professor de uma disciplina de uma grade curricular. Mesmo quando o professor de Arte não tem consciência da amplitude das relações que atravessam sua disciplina, esta amplitude se evidencia na repercussão que sua posição assume no processo de formação dos estudantes, no tocante às relações com a arte e a cultura. Pesquisas confirmam, por exemplo, que muitos adultos tiveram seu primeiro acesso a um museu (em alguns casos também a um teatro ou a um concerto de música clássica) graças a seus professores. A qualidade desta iniciação fica registrada na memória afetiva e vai, em grande parte dos casos, determinar as práticas culturais destes sujeitos.

Ao longo da disciplina abordamos temas que dizem respeito a esta posição e para finalizar, não encerrando a discussão, mas potencializando-a, vamos relacionar algumas questões e tentar amarrar alguns fios que podem ter ficado soltos ao longo dos estudos.

I. No primeiro tema, procuramos identificar algumas representações que se constituíram historicamente no campo da arte, especialmente as representações relativas às instituições que conservam, mantêm e legitimam os valores superiores que se configuram como modelos. Recorremos à sociologia, à economia das trocas simbólicas de Pierre Bourdieu (2005), para compreender como o campo da arte opera e como o campo da educação vem reforçando estes mecanismos. Diante deste quadro complexo constatamos que não é fácil transpor as barreiras simbólicas instaladas nas entranhas das relações de poder de nosso campo de estudo. O primeiro passo é compreender como funciona o campo da arte, reconhecendo os mecanismos reprodutores presentes nas ações educativas. Há uma série de obstáculos a serem transpostos quando o desejo é se apropriar do conhecimento de forma crítica e significativa, sobretudo quando se quer partilhar este desejo com outras pessoas, os estudantes, a quem se dirigem as nossas ações.

Um dos obstáculos se verifica, por exemplo, quando passeamos por um museu e estabelecemos relações com a aura artística que faz mover a própria visita em direção ao gozo estético próprio da engrenagem museal. O filósofo Walter Benjamin (1996) definiu esta aura como um autêntico distanciamento da obra de arte por parte do espectador. Um esfriamento. Um processo de sacralização que continua atuante, insistindo em apresentar as peças do museu como obras únicas, originais, essenciais para a sobrevivência do próprio campo da arte.

O professor e pesquisador espanhol, Ricardo Huerta (2010, p. 36) em seu livro “*Maestros y museos*” faz uma larga reflexão a partir de pesquisas sobre a importância da educação no processo de dessacralização, sugerindo parcerias entre museus e escolas, justifica:

Segundo nosso ponto de vista, a arte e seus museus não se desprenderam desta frialdade. Pode ser que a aura continue sendo um elemento muito atrativo para certos públicos que frequentam habitualmente os museus, mas cremos que os distanciamentos não são produtivos, ao menos para o público escolar, ou entre o professorado. Deveríamos tentar acercar posições entre o museu e a escola a partir de seus protagonistas chaves: os professores e os educadores de museus, evitando para isto distanciamentos *auráticos*. (Tradução da autora)

Para que estas parcerias possam surtir os efeitos desejados, é importante traçar projetos para colocar os distintos educadores, das escolas e dos museus, lado a lado, trabalhando em conjunto. Entretanto, é necessário também que ambos os lados busquem compreender como atuam as instituições, compreendendo como as operações de suspensão auráticas se efetivam.

Do ponto de vista dos educadores de museus, o que se tem observado, de maneira genérica, é uma prática de correspondência e reforço aos processos de sacralização das instituições e de seus objetos. Compreende-se que os educadores de museus são necessários às instituições e suas presenças se justificam, a partir do investimento das instituições, exatamente para cumprir este papel. No contexto brasileiro, em especial da cidade de São Paulo, a presença de educadores mediadores nos principais museus e centros culturais é uma prática recente. Começam a se fazer presentes no final da década de 1990 e se expandem nesta primeira década dos anos 2000. Hoje, quase toda instituição tem um programa educativo e muitos deles oferecem atividades, encontros e materiais específicos para o professorado. Este movimento corresponde a demanda do próprio meio educacional que tem buscado estreitar esta aproximação.

Felizmente sabemos que há programas educativos que estão buscando enfrentar o distanciamento que o próprio campo da arte produz. Sobretudo, encontramos muitos educadores de museus, dispostos ao diálogo e a reflexão sobre estas questões.

Diante deste contexto, do ponto de vista do educador das escolas, o que se percebe comumente é uma prática de recepção submissa às ofertas, sem questionamentos sobre a qualidade

ou adequação das atividades (visitas, encontros, materiais) às suas necessidades e de seus estudantes. O distanciamento aurático historicamente construído em torno desses encontros com a arte talvez contribua com esta atitude.

Todas as questões apresentadas e discutidas nesta disciplina pretendem convidar os educadores das escolas a compreenderem como funcionam as práticas de difusão e mediação para que possam se posicionar de forma mais ativa buscando o diálogo com as instituições. A demanda por ações mais adequadas, por posicionamentos mais críticos podem gerar ofertas mais reflexivas e também críticas.

II. Para ajudar a compreender parte destes processos, no segundo tema da disciplina, destacamos a questão da educação patrimonial, por um lado buscando entender os processos de institucionalização e por outro revelando os intrincados mecanismos de atualização dos patrimônios na contemporaneidade. A ideia é ampliar a questão do patrimônio, para além dos legados herdados e impostos, como explica Huerta (2010, p. 31, tradução da autora): “se trataria de prever, desde o ponto de vista pedagógico, a possibilidade de chegar a um tratamento simbólico do patrimônio, o que implicaria ocupar-se de questões ideológicas, psicológicas, sociais e, em definitivo, humanas, ademais das puramente históricas”.

As relações com o patrimônio cultural, no âmbito educacional, têm se restringido à dimensão da difusão, a constatação da existência do patrimônio como índice de *uma identidade* a ser incorporada, são os legados que precisam ser carregados. Esta é uma perspectiva que se assenta em uma visão essencialista e estática de cultura. As mediações nesta perspectivas vão repetir as “verdades” dos especialistas, dos historiadores, dos discursos que engendram e mantêm as ideologias e o poder.

Para restabelecer relações significativas com o patrimônio é necessário antes pensar a cultura como práticas dinâmicas que comportam transfusões e mestiçagem, uma cultura em movimento. Assim o patrimônio pode ser compreendido como parte de *processos identitários* que se constituem nas relações de poder para configurar capitais, econômicos ou simbólicos. Uma mediação nesta perspectiva irá tomar os usuários do patrimônio cultural como comunidades de aprendizagem que buscam estabelecer redes de pertinência, capazes de dotar de sentidos a seus objetos e artefatos.

Sabemos que toda localidade, toda região tem seus bens patrimoniais, forjados muitas vezes para engrandecer ou enobrecer os locais, para valorizar ou resgatar histórias, reverenciando alguns personagens ou eventos. Nossa condição de país colonizado nos fez despertar tarde para a necessidade de preservar e constituir bens patrimoniais. É uma prática que só nos últimos cinquenta anos vem tendo apoio das instituições públicas e privadas, e muito de nossa história já foi desfigurada. O que temos hoje são em grande parte resquícios que passaram por processos de adequações, de sucessivos restauros para se constituírem como bens patrimoniais.

Nossa condição de povo colonizado também nos legou uma visão distorcida dos valores que merecem nossa atenção e apreciação. Muita gente desconhece o patrimônio de sua própria cidade, porém se interessa por visitar museus, monumentos e outros bens patrimoniais de outras cidades ou países. Para grande parte da população, estas práticas estão relacionadas a ideia de viagem, de turismo, de lazer. Reconhecemos que estas práticas são um meio de entrar em contato com as diferentes culturas, para conhecer suas referências identitárias, e são práticas que carregam sentidos de entretenimento. Não condenamos o turismo cultural. O que realçamos aqui é o processo de valoração desequilibrada que a cultura colonizada nos impõe, valorizamos com menor interesse nossa própria cultura. O papel da educação é fundamental para restabelecer este equilíbrio, para trazer a tona estas questões.

III. A complexidade do ser contemporâneo de si mesmo, como desafia Ana Mae Barbosa (1995), é o substrato do terceiro tema que busca enfrentar a superação dos paradigmas modernistas, como sugere Arthur Efland (2008), para instaurar estratégias de mediação que revelem os conflitos da contemporaneidade. Ao aprofundar os conceitos de difusão e mediação, procuramos munir os educadores das escolas de referências, tanto para analisar e avaliar as ações educativas oferecidas pelas instituições culturais, quanto, sobretudo, para relacionar e integrar tais conceitos com suas estratégias educacionais.

As produções contemporâneas com seus trânsitos entre linguagens, tais como as performances e instalações, as encenações pós-dramáticas, o teatro de rua e outras produções que fazem uso de diferentes suportes e diferentes linguagens, nos provocam a sair do cômodo distanciamento passivo de meros espectadores, convocando todos os nossos sentidos para participar da construção de possíveis sentidos que se condensam nas obras. A experiência estética, no sentido sugerido por Dewey (2010), é potencializada nesta situação, pois requer a presença inteira do sujeito que percebe, um sujeito que se deixa *comover* pela experiência.

Para instaurar estratégias de mediação ou ações educacionais nas quais os sujeitos possam ter suas experiências estéticas, é necessário um engajamento do educador com sua própria experiência estética. O interesse ou entusiasmo ou curiosidade pessoal do próprio educador se impregna entre os estudantes. As relações do professor de Arte com seu campo de conhecimento, suas preferências e referências estão presentes em suas ações educacionais. Como querer que os estudantes estabeleçam relações significativas com a arte, que se tornem frequentadores críticos das produções artísticas se o educador não se compromete com sua própria frequência?

Ser contemporâneo de si mesmo implica buscar sintonia com as discussões contemporâneas e implica também coragem para enfrentar as produções contemporâneas. Coragem de caminhar por territórios ainda desconhecidos. Coragem para se colocar lado a lado com os estudantes nas descobertas.

Ricardo Huerta (2010, p. 108) reforça que “ao visitar o museu com seu alunado, o docente também experimenta suas próprias sensações, e isto será sem dúvida algo muito importante em sua relação com os estudantes, assim como um enriquecimento relevante como pessoa e como usuário de museu” (Tradução da autora).

IV. Os conceitos de apreciação, leitura e interpretação foram tratados com intuito de possibilitar reflexões sobre diferentes abordagens no processo de recepção da arte. Ao trazer os referenciais históricos e os sentidos implícitos no ato da apreciação oferecemos subsídios para refletir sobre os direcionamentos que têm sido dado à questão. Compreender as distinções implícitas nos conceitos de apreciação e leitura é uma maneira de pensar *como* mediar as relações dos estudantes com arte. E, finalmente, o entendimento da interpretação a partir da abordagem hermenêutica construtivista possibilita entender a questão da interpretação como processo de aprendizagem.

Todas as questões tratadas nesta disciplina pressupõem a perspectiva do educador como mediador, seja mediando situações de aprendizagem em sua sala de aula, seja mediando situações de aprendizagem no embate direto com as produções artísticas em seus espaços de difusão, nos museus, nas salas de espetáculos, nos teatros, nos concertos, nos locais de exibição, na rua, enfim, nas diversas inserções das produções artísticas no meio cultural. Importa reforçar a ideia de que todos nós precisamos nos entender como agentes ativos inseridos neste

campo de conhecimento. Podemos optar com consciência por continuar trabalhando em prol da legitimação de uma série de pressupostos já estabelecidos, ou optar por enfrentar desafios, possibilitando que a arte nos revele outras histórias, além das que já conhecemos, entendendo as produções como condensados de experiências que impulsionam outras narrativas nos sujeitos que buscam dela se aproximar.

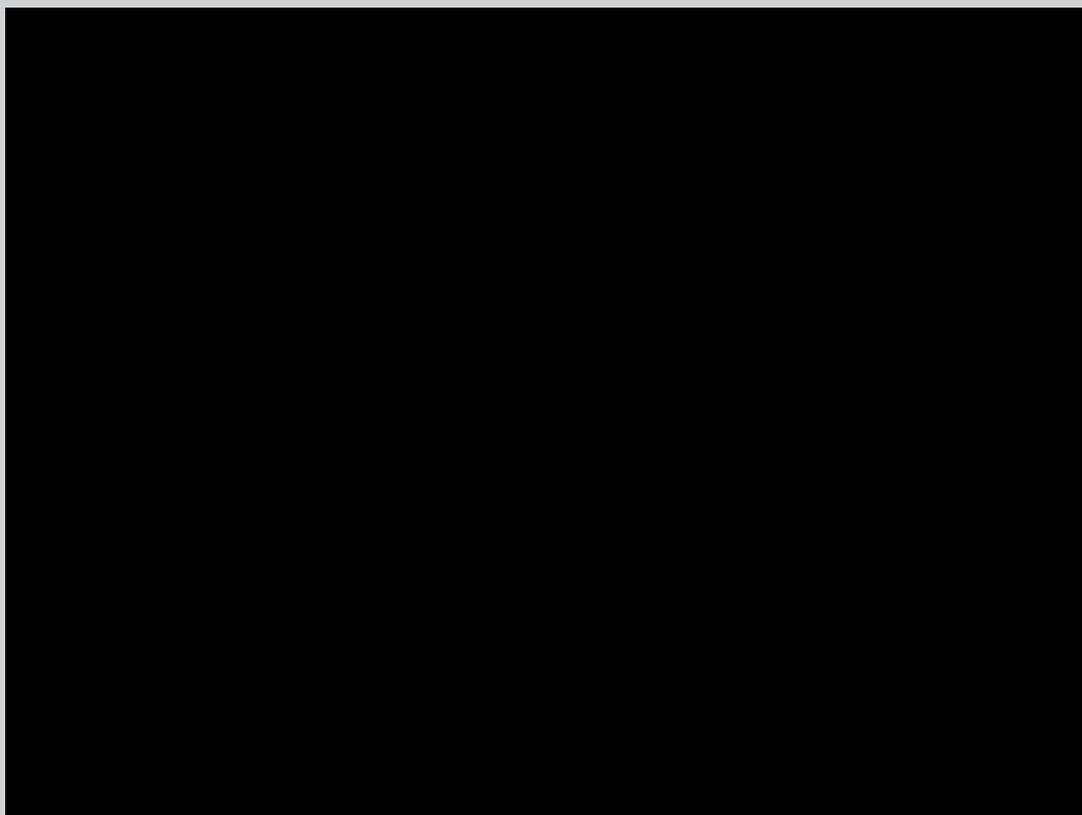
Procuramos mapear alguns aspectos do complexo campo no qual atuamos e, entre estes, importa destacar a ideia de que fazemos parte de comunidades de interpretação que nos fornecem referenciais para entender o mundo. A comunidade dos professores de arte da rede estadual de São Paulo é uma delas. Uma comunidade que se move e se amplia, mas que mantém em sua própria configuração pontos de apoio nos quais seus membros se identificam.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 165-196.
- HUERTA, Ricardo. **Maestros y museus**: educar desde la invisibilidad. Valencia, Espanha: Universidade de Valencia, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Ficha da Disciplina:

Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural



Rejane Galvão Coutinho



Formada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas na Universidade Federal de Pernambuco, estado onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida. Veio para São Paulo estudar, fez mestrado e doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Hoje é professora do Instituto de Artes da UNESP onde trabalha com formação de professores de Artes Visuais e atualmente coordena a Pós-Graduação em Artes. Desenvolve e orienta pesquisas sobre a história do ensino da arte e sobre as questões contemporâneas da arte/educação como mediação cultural, uma coisa tem forte relação com a outra, pois a história abre possibilidades para entender melhor o presente e vislumbrar o futuro.

Ementa

A arte/educação como mediação cultural e social. O papel do educador como mediador. As relações entre as práticas de produção, circulação e recepção. Teorias contemporâneas da recepção. Revisões e atualizações sobre o conceito de educação patrimonial. Planejamento e práticas fundamentadas de mediação cultural.

Resumo

Qual o papel do educador como mediador na recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural? Esta é a questão que norteia a disciplina e para buscar subsídios para compreender o seu alcance se faz necessário entender, de imediato, que ela se situa no espaço de trânsito entre as ações educacionais e as práticas culturais. Um espaço complexo que pressupõe movimentos e atravessamentos em várias direções.

A questão se dirige ao professor de arte, aqui entendido como mediador, em suas ações educativas junto aos estudantes, tanto no ambiente escolar, quanto fora do contexto escolar, nas visitas aos museus, exposições, espetáculos e outras manifestações do âmbito cultural.

O termo *recepção*, que abre o título da disciplina, não deve ser entendido com o sentido de passividade que também lhe é próprio - o receber algo ou alguém. Quando associamos *recepção* à *mediação* pressupomos um movimento: da interioridade da recepção às apropriações e incorporações do mundo e dos conhecimentos do mundo provocados por mediações educacionais.

O patrimônio artístico e cultural é nosso campo de conhecimento, com suas práticas de produção, difusão e recepção. Portanto, não podemos pensar em objetos, obras e manifestações apenas, mas nos trânsitos entre as diversas práticas inerentes ao campo da arte, inseridas no campo mais amplo da cultura.

Para organizar nosso estudo em relação a esta complexidade procuramos destacar alguns aspectos inerentes às relações entre as ações educativas e as práticas culturais, distribuídos em temas por semana de estudo. No primeiro tema, preparando o terreno, vamos procurar situar algumas representações, construídas ao longo da história, que atravessam e se sobrepõem ao contexto, introduzindo também algumas regras que pré-definem as relações no campo da arte.

No segundo tema o foco são as relações patrimoniais, as heranças recebidas, seu processo de institucionalização, buscando compreender os mecanismos de legitimação, para atualizar os sentidos que o legado patrimonial comporta hoje.

No terceiro tema o foco são as produções contemporâneas e para compreender suas práticas é necessário enfrentar os trânsitos entre a modernidade e a pós-modernidade, para situar as práticas de difusão e mediação na contemporaneidade. No tema seguinte, o debate gira em torno dos recursos à disposição dos educadores para efetivar uma mediação crítica e comprometida: dos métodos de apreciação, processos de leitura, ao entendimento da interpretação como construção de conhecimento no campo da arte.

E finalmente, no quinto tema, voltamos a questão que abre esta introdução, ao papel do educador como mediador, responsável por sua formação e pela formação de público para as artes.

É importante deixar claro que as referências deste texto recaem especialmente sobre as artes visuais, campo de experiência da autora. Mas será permitido e aconselhável proceder a toda e qualquer transferência de referências entre as linguagens, pois os mecanismos das práticas culturais e, sobretudo educacionais, são basicamente os mesmos, com suas específicas adequações.

Bom trabalho!

Rejane Galvão Coutinho

Estrutura da Disciplina

Tema 1 - Arte/educação como mediação cultural e social

- Tópico 1.1 - O contexto histórico: relações entre museu e educação
- Tópico 1.2 - As regras do jogo: distância e aproximação

Tema 2 - Questões sobre educação patrimonial

- Tópico 2.1 - A história da institucionalização do patrimônio
- Tópico 2.2 - Revisões contemporâneas do patrimônio

Tema 3 - As práticas de produção, difusão e mediação na contemporaneidade

- Tópico 3.1 - Do modernismo ao pós-modernismo no ensino de arte
- Tópico 3.2 - Difusão e mediação na contemporaneidade

Tema 4 - A recepção e a interpretação das produções artísticas

- Tópico 4.1 - Apreciação artística ou leitura da obra de arte?
- Tópico 4.2 - A interpretação

Tema 5 - O arte/educador como mediador

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Ana Maria Martins da Costa Santos

Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva